

# O MEDO DO OUTRO: A CULTURA CAINITA DE ALTERIDADE MORTAL

*Luiz Jorge Soares Guimarães*

*Orientador: Pascoal Farinaccio*

*Doutorando*

RESUMO: O que é o medo em si? Geralmente, quando se recebe este convidado indesejado, faz-se tal acolhida, ou por falta de opção, enquanto instinto de sobrevivência que mantém os seres em um tipo de linha de salvaguarda, ou por encontro com o indesejado, com o diferente, que se posta perante o indivíduo como tudo aquilo que transgride as raias do próprio eu. Mas isso valida o medo como um conceito ou como coisa que o valha? Parcialmente, sim. Isso porque não há como enquadrar o medo apenas em duas categorias excludentes que ora indicam um limite do Eu, dizendo “até aqui eu posso ir, mas, se passar desta linha, não poderei manter-me acautelado”, ora trazem ao encontro do Eu as fantasias mais obscuras da imaginação, produzindo, assim, a deformidade das idéias, ou, melhor, recriações fantasmagóricas, pelo receio ao desconhecido, fato este que muitas vezes produz uma aversão ao Outro não só pela falta de contato, e distanciamento, como também pela inflexão do indivíduo, atônito, perante a imagem distinta, não se permitindo um confronto face a face, por não querer ver a si mesmo sob outra perspectiva e, de modo narcisista, reconstruindo o Outro conforme as deliberações de sua imaginação e seus devaneios. Fato que fora demonstrado por Sigmund Freud em seu ensaio *Luto e Melancolia* (2010), quando ele analisara as relações de perda e de manutenção do objeto perdido dentro do próprio ser.

PALAVRAS-CHAVE: alteridade, cainita, medo, outro.

## **Introdução**

A partir dessa breve explanação sobre o medo e de sua relação com o Outro, pode-se acrescentar uma ideia de sofrimento, inter-relacional, anunciada também por Freud em sua obra mais voltada para um diálogo entre a psicanálise e os estudos antropológicos. *O mal-estar na civilização* (2016) e de como esse sofrimento aparece no seio da cultura ocidental de matriz judaico-cristã como antecipador da infelicidade, o que faz com que a impressão que se tenha de si próprio, do mundo e de um outro ser seja menos de satisfação do que de contrariedade, a saber:

É bem menos difícil experimentar a infelicidade. O sofrer nos ameaça a partir de três lados: do próprio corpo, que, fadado ao declínio e à dissolução, não pode sequer dispensar a dor e o medo, como sinais de advertência; do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças poderosíssimas, inexoráveis, destruidoras; e, por fim, das relações com os outros seres humanos. O sofrimento que se origina desta fonte nós experimentamos talvez mais dolorosamente que qualquer outro; tendemos a considerá-lo um acréscimo um tanto supérfluo, ainda que possa ser tão faticamente inevitável quanto o sofrimento de outra origem. (FREUD, 2016, p. 20)

Tentar-se-á, agora, entender como o medo, e suas variantes, ocorrem quando da relação dos indivíduos entre si em texto basilar da cultura judaica-cristã, fazendo um estudo do primeiro livro de Moisés, *Gênesis* (1962), da “cultura dos cainitas”, se assim se pode chamar não só os filhos de Caim, mas também seus pais, visto que tanto aqueles quanto esses promovem um tipo de “primeira” cultura a partir de uma perda, ou, quem sabe, de um dano grave, e a levam ao declínio, quando desagradam a Deus com seus atos e Ele consuma o dilúvio, encerrando a sua criação cultural e humana; buscar-se-á expor os impasses entre as alteridades e as suas possíveis consequências para a humanidade.

### **Os primeiros cainitas**

No primeiro livro a compor o Pentateuco de Moisés, *Gênesis* (DIVERSOS, 1962), o autor informa ao leitor, segundo a teologia judaico-cristã, a criação da Terra, dos céus, dos mares, da porção seca e de todos os seres vivos, animais e vegetais, incluindo os primeiros da raça humana. O caráter criacionista de sua história tende a uma objetividade grande dos acontecimentos e os sete dias de fundação são decisivos para os episódios que se seguirão a eles. Mas, antes de relatar os diálogos dos humanos no “início dos tempos”, vale a pena ressaltar o que acontecera em cada dia de fundação, por causa de três momentos importantes que revelam uma ideia de fecundidade, de continuidade e de movimento das coisas de modo aparentemente “natural”, de acordo com os desígnios do Criador, a saber: no primeiro dia, Deus faz a separação entre os Céus e a Terra, e entre a luz e as trevas, em seguida, percebe que é bom, como sucederá em todos os dias; no segundo dia, há a criação do firmamento, e a separação entre águas e águas; no terceiro dia, vem a criação da terra firme e dos mares, das relvas e ervas e, das árvores frutíferas (fecundidade vegetal); no quarto dia, tem-se a criação

dos luzeiros no firmamento, para separar o dia da noite, o sol da lua, as estações, os dias e anos (fecundidade temporal); no quinto dia, os seres do mar e do ar são criados e, por fim, no sexto dia os animais terrestres, domésticos, répteis e selváticos, e (fecundidade animal):

26 Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.

27 Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. (DIVERSOS, 1962, p. 7)

Por fim, no sétimo dia, Deus termina todas as suas criações, percebendo, ao longo dos dias fundacionais, que tudo o que fizera era bom, e abençoa esse “último” dia por ser aquele no qual Ele descansará. Portanto, o que quis se preservar aqui foi a ideia de ordem e progressão que pode se subentender das três fecundidades imanentes a cada elemento geral, respectivamente, distinguidos acima, para que o leitor perceba uma ordenação “original” das coisas, tanto do universo quanto dos seres, e uma certa estabilidade inerente aos fenômenos criados por Deus, visto que esses têm em essência a virtude da capacidade de recriação, ainda que de modo tácito: sementes, dias, proles; e percebe-se também que, com o entendimento do bem e do mal, essa ordenação sofre um rompimento na esfera animal que, de transcendental, decairá na mortal. Com este breve resumo da criação do universo, pode-se iniciar um estudo da primeira cultura ocidental de matriz judaico-cristã, a de Adão, Eva e de seus filhos Caim, o lavrador, e Abel, o pastor, para que se possa perceber que apenas no momento em que os “homens” dão início a um protótipo cultural, transgredindo a Lei única, a questão da alteridade inicia-se e entre em jogo a estabilidade das coisas do mundo recém criado, demonstrando que, tais relações têm seu início a partir, primeiro, do ímpeto quase infantil de querer saber justamente o que lhes é vedado, que se revela no diálogo de Eva com a serpente e, depois, o conseqüente medo de Deus e de si, por causa do descumprimento da regra basilar, o não devassamento da árvore do conhecimento, cometido pelo casal, e a percepção do conhecimento dicotômico com suas perspectivas fatídicas e resultados desoladores:

3 Mas a serpente, mais sagaz do que todos os animais selváticos que o Senhor Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?

2 Respondeu-lhe a mulher: Do fruto das árvores do jardim podemos comer,

3 Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais.

4 Então a serpente disse à mulher: É certo que não morreréis.

5 Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal.

6 Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu, e deu também ao marido, e ele comeu.

7 Abriram-se, então, os olhos de ambos; e, percebendo que estavam nus, coseram folhas de figueira, e fizeram cintas para si.

8 Quando ouviram a voz do Senhor Deus, que andava no jardim pela viração do dia, esconderam-se da presença do Senhor Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do jardim.

9 E chamou Senhor Deus ao homem, e lhe perguntou: Onde estás?

10 Ele respondeu: Ouvi a tua voz no jardim e, porque estava nu, tive medo e me escondi. (DIVERSOS, 1962, pp. 8-9)

Essa passagem revela o elemento fundamental para o desenvolvimento do estudo da construção dessa cultura: o medo que se segue à transgressão de uma regra e como este devassamento ocorre por uma questão ambivalente: por um lado, Eva, instigada pela serpente, o mais sagaz dos animais selváticos, quer se igualar a Deus e, por isso, como se lê na passagem, come do fruto da árvore do conhecimento e oferece-o a Adão, já por outro lado, e poderia ser tanto o homem como a mulher a oferecer o fruto na ocasião anterior, visto que os dois comem de modo condescendente, eles, ao partilharem o fruto, declinam em se colocar no lugar do outro, pois a transgressão da Lei não seria a simples vontade de entender o outro – ainda que o conhecimento fosse tentador, visto ser uma potencialidade de equiparação intelectual e transcendental –, mas, sim, de tomar o lugar do Outro, de adquirir aquilo que não lhes competia, ou seja, portar o conhecimento do bem e do mal, e além, e mais complexo, essa tomada de lugar, ou tentativa de assimilação do Outro, proporciona uma sublimação às avessas, pois, embora ela os leve ao conhecimento da bondade e da maldade, a perda da veste de graça – “Antes da queda, mesmo sem estarem cobertos por nenhuma veste humana, não estavam nus: estavam cobertos por uma veste de graça, que os envolvia tal como um traje glorioso (...)” (AGAMBEN, 2014, pp.91-92) –, arruína a situação edênica da vida do casal, pois os despe aos olhos e os vincula ao pecado, que desautoriza a superioridade transcendental, culminando em uma expulsão conjunta e compulsória do paraíso terrestre, do Éden, e da interdição e exílio do homem para longe da eternidade, ou seja, para distante da segunda árvore de suma importância daquele jardim, a árvore da vida, que passa a ser



protegida com as luzes refulgentes de uma espada sagrada que lhe guarda o caminho (DIVERSOS, 1962).

A relação com o outro desponta como um temor que, inicialmente, tem origem em um medo de si, como no exemplo da vergonha dos seres nus que, ao se perceberem como tais, buscam resguardar-se, e só depois caminha em direção ao Outro, que nos textos de Moisés é representado por Deus. Adão e Eva, mesmo que distintos entre si, tanto na forma como foram construídos, quanto nos desígnios de cada um, são seres que aceitam a provocação da serpente sem dela questionar, a não ser quando tal questionamento os leva à transgressão, para a ascensão do poder, porque, se eles se encontram acima e no domínio de quaisquer seres do reino animal e cedem aos argumentos da serpente, o fazem, aparentemente, por quererem e não porque foram persuadidos, porque, como relatado por Moisés, eles são quem têm o domínio dos seres e da terra. Mas a tentação era grande demais, ainda que o preço fosse mortal:

28 E Deus os abençoou, e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, e sobre todo animal que rasteja sobre a terra.

29 E disse Deus ainda: Eis que vos tenho dado todas as ervas que dão semente e se acham na superfície de toda a terra, e todas as árvores em que há fruto que dê semente. Isso será para mantimento.

30 E a todos os animais da terra e a todas as aves dos céus e a todos os répteis da terra, em que há fôlego de vida, toda erva verde lhes será para mantimento. E assim se fez. (DIVERSOS, 1962, 7-8)

Desse modo, o leitor pode, inicialmente, vislumbrar o problema da questão da alteridade nas origens da cultura ocidental, enquanto uma suscetibilidade fundamental do indivíduo que, aparentemente, parece tentar entender o Outro, mas que, em uma análise mais detida da situação, revela-se como uma falta de aceitação do Outro e um desejo forte de assimilação, narcisista (FREUD, 2010), que aqui chamar-se-á de alteridade mortal, ou seja, uma capacidade inter-relacional que não só advém da origem da cultura judaico-cristã, com sua fundação estrutural por meio da morte e pelo conhecimento do bem e do mal, que tende a promover um diálogo unilateral com tendências a algum tipo de assimilação ou ao extermínio do Outro através de alguma relação de posse e de dominação, para que, em uma tentativa de dominar o saber distinto, possa-se subverter as categorias fundacionais e promover uma administração do domínio do território alheio, deliberadamente, que por hora se revela na

tentativa dos homens se equivalerem a Deus e ansiarem por possuir terras que não lhes é de direito, neste caso, ou as propriedades da geografia metafísica, ou mesmo da cognição onisciente. Porém, como resultado, os primeiros seres, quando buscam o discernimento do bem e do mal cometem um crime de pena capital contra eles mesmo e acabam por fazer uma sublimação às avessas: tornam-se mortais, porém conhecedores da divisão bem e mal, e relegam este fardo aos seus descendentes, tal qual uma tragédia anunciada:

15 Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e guardar.

16E lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente,

17 Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás. (DIVERSOS, 1962, p. 8)

Eles comem o fruto e, assim, por meio de uma sentença de morte que faz com que suas vidas, antes eternas, passe a ter um prazo de validade, os anos, tornam-se mortais. Fato esse que se aproxima do que o filósofo francês René Girard chamou de “assassinato fundador” (2012), quando do seu estudo comparativo entre a mitologia da Antiguidade Clássica e os Evangelhos, de modo a produzir uma antropologia dos estudos religiosos e mitológicos, na tentativa de conseguir trazer para o plano terreno e humano não só essas narrativas, como também muitas das possibilidades metafísicas oriundas delas, e que se exemplificam, não mais com os exemplos dos pais do início das eras, mas, agora, dos filhos, visto que, após a temporalidade demarcada dos seres, com Adão e Eva, a morte se instaurará de modo decisivo e outro no contato entre os homens, entretanto, desta vez por via do assassinato:

A doutrina do assassinato fundador não é apenas mítica, mas bíblica. No Gênesis, ela se encontra no assassinato de Abel por seu irmão, Caim. O relato desse assassinato não é um mito fundador, mas a interpretação bíblica de todos os mitos fundadores. Ela nos conta a fundação sangrenta da primeira cultura e as consequências dessa fundação, que constituem o primeiro ciclo mimético representado na bíblia.

Como Caim procede para fundar a primeira cultura? O texto não coloca tal questão, mas responde implicitamente a ela pelo simples fato de limitar-se a dois temas: o primeiro é o assassinato de Abel, o segundo é a atribuição a Caim da primeira cultura que se situa claramente no prolongamento direto do assassinato, e que, na verdade, não se diferencia das consequências vingativas, mas rituais, desse assassinato. (GIRARD, 2012, pp. 128-129)

Antes de seguir plenamente com a breve história de Caim e Abel e com seu longo legado para a humanidade ocidental, faz-se necessário esclarecer a ideia de medo reverso, lançada na introdução deste ensaio, para que o leitor possa se familiarizar com algumas expressões utilizadas que refletem nada menos do que os acontecimentos do texto bíblico de modo a se cristalizarem em estruturas fixas, no plano composicional, para facilitar o estudo proposto. Desse modo, entende-se por medo reverso um temor consecutivo a uma transgressão, que tem sua essencialidade na alteridade mortal, por ser um medo de tendências a regressões narcísicas onde a fantasia impera sobre a realidade, mas não qualquer fantasia e, sim, aquela deliberada por um Eu de modo arbitrário e de acordo com os seus anseios e desejos de satisfação própria e, libidinalmente, patológica (FREUD, 2010), que faz com que as capacidades deliberativas da psique, que produzem devaneios de acordo com a intensidade de uma perda e da sua respectiva necessidade de preenchimento do vazio, se transpassem para o plano cultural, em uma interface entre o interior e o exterior, assim como com Adão e Eva, que temem a Deus após perderem a veste de graça (AGAMBEN, 2014), e recriam vestes com o que lhes é acessível às mãos, e com Caim, que teme também a Deus após assassinar seu irmão mais novo, em o primeiro homicídio (1962), e mimetiza em si a ideia de morte, embora só lhe reste a errância:

8 Disse Caim a Abel, seu irmão: Vamos ao campo. E estando eles no campo, sucedeu que se levantou Caim contra Abel, seu irmão, e o matou.

9 Disse o senhor a Caim: Onde está Abel, teu irmão? Ele respondeu: Não sei: acaso sou eu tutor de meu irmão?

10 E disse Deus: Que fizeste? A voz do sangue de teu irmão clama da terra por mim.

11 És agora, pois, maldito por sobre a terra cuja boca se abriu para receber de tuas mãos o sangue de teu irmão.

12 Quando lavrares o solo não te dará ele a sua força; serás fugitivo e errante pela terra.

13 Então disse Caim ao senhor: É tamanho o meu castigo, que já não posso suportá-lo.

14 Eis que hoje me lanças da face da terra, e da tua presença hei de esconder-me; serei fugitivo e errante pela terra: quem comigo se encontrar me matará.

15 O Senhor, porém, lhe disse: Assim qualquer que matar a Caim será vingado sete vezes. E pôs o senhor um sinal em Caim para que o não ferisse de morte quem quer que o encontrasse.

16 Retirou-se Caim da presença do senhor, e habitou na terra de Node, ao oriente do Éden. (DIVERSOS, 1962, pp. 9-10)

Caim torna-se um amaldiçoado a viver, após o seu crime, porque, como não agradara anteriormente a Deus com os seus presentes, inveja o irmão, que sacrificara um dos animais de sua ordem e agradara ao seu Criador, e mimetiza o ato de modo horrendo, assassinando o sangue de seu sangue, na tentativa narcísica e patológica (FREUD, 2010) de subjugar o outro com sua alteridade mortal, que se coloca em uma posição além de si apenas para dela se aproveitar e tomar seu lugar, ultrajando o morto ou mesmo exterminando-o, como, de fato, sucede no relato bíblico. E similarmente ao modo que acontecera aos seus pais, o medo parece novamente estar acompanhado da necessidade de se esconder, como se a covardia, ou a culpa, recaísse sobre o criminoso de modo que esse internalizasse o medo que, primeiramente, produzira sobre o Outro. Abel, antes de morrer pelas mãos do próprio irmão, fora surpreendido, não teve tempo de revidar, sendo abatido sorrateiramente, enquanto acreditava estar participando de uma aventura fraterna. Em seguida, Deus, ao indagar sobre os motivos de Caim, recebe de antemão, como resposta, apenas a réplica revoltada “Não sei: acaso sou eu tutor de meu irmão?” (DIVERSOS, 1962, p. 9), que demonstra que Abel já fora assimilado, ou mimetizado, às avessas, por Caim, pois, se aquele sacrificara um animal para Deus, este sacrifica o irmão, para tomar-lhe o lugar e dominar o seu ser, numa tentativa de se impor superior não só ao irmão, mas ao Divino também, subvertendo toda ordem, e, então, e em decorrência do acontecido, Deus profere os castigos que transformarão Caim no mais desafortunado dos seres, condenado a errar pelo mundo, a não conseguir se sustentar com o seu próprio trabalho, tornando-se destinado a uma vida de fraqueza e pobreza, porque, não importando o que esse faça, a partir do fratricídio, ele nunca mais obterá forças para se levantar contra alguém novamente e estará fadado a não morrer por mão de nenhum ser vivente, visto que fora marcado com o sinal sétuplo da vingança. Caim, agora, é o animal sacrificado, porém continua vivo e continuará. O ato subversivo subverte a existência pessoal e seus dias mortais serão todos mortos, enquanto a vida, naufragada no sangue do irmão, acolherá os cantos da consciência que, para o navegante, soarão como os estertores do ressentimento, levando-o da imitação à danação, à deriva de uma existência fora do caos.

Com isso, chega-se à conclusão de que os “primeiros” seres, ou melhor, os cainitas da primeira era, carregam o medo na alma por condenação e maldição, pois são transgressores por natureza. Ao não admitirem o próprio *Status Quo*, eles sentem-se inferiorizados e buscam tomar o lugar do Outro, que, ora se revela na tentativa de Eva e Adão se igualem a Deus, no diálogo direto entre o físico e o metafísico por meio da apreensão do saber igual do bem e do

mal, ora se revela na busca de mimetizar o seu próximo, quando Caim decide assumir o lugar de Abel tanto pela ação quanto pela posição. E, por conseguinte, Deus se arrepende de sua criação, ao ver os filhos de Caim decaírem na violência brutal, no estupro, e na plena falta de alteridade, ou na alteridade mortal, voltada para o entendimento do outro e seu domínio coercitivo, e afunda os dias em um dilúvio letal, que apenas salvará um dos descendentes de Caim, o filho de Lameque, Noé, por este ter duas qualidades viáveis para uma alteridade propositiva entre os homens: a justiça e a integridade:

5 Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na terra, e que era continuamente mau todo o desígnio do seu coração;

6 Então se arrependeu o Senhor de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração.

7 Disse o Senhor: Farei desaparecer da terra o homem que criei, o homem e o animal, os répteis, e as aves dos céus; porque me arrependo de os haver feito.

8 Porém Noé achou graça diante do Senhor.

9 Eis a história de Noé: Noé era homem justo e íntegro entre os seus contemporâneos; Noé andava com Deus. (DIVERSOS, 1962, pp. 11)

## Conclusão

Chega-se ao fim deste ensaio com a sensação de que não houve grandes mudanças ao longo da história da humanidade ocidental, pois tal legado permanece assombrando os tempos. Ao menos, é apenas um curso histórico ocidental, não total. E, se por um lado, a cultura judaico-cristã tem sua origem no medo do outro provocado pela própria falta, ou seja, um medo inicial de si mesmo, quando da percepção dos sexos e sua sumária associação ao que é bom e ao que é mau, a cultura moderna, mesmo trajando belas indumentárias, mostra-se com os mesmos princípios dos cainitas da primeira era: assassinato, estupro, transgressão, vifir os noticiários diários.

Por fim, entende-se que, para que haja um diálogo mais viável entre partes tão distintas de uma mesma raça, a humana, os seres devem estar preparados para se abrir ao diferente, ao diverso, ao Outro, múltiplo, singular, com suas idiossincrasias, hábitos que não se adéquam a padrões preestabelecidos, nem devem ser motivo de subjugação, para que esse consiga se revelar em toda a sua plenitude e beleza enquanto membro integrante da humanidade, como quando se admira uma constelação que, formada por corpos distintos e



singulares, consegue dar vida a uma imagem total, através do diálogo entre particularidades que, em um dado momento, se harmonizam para serem maiores.

#### **REFERÊNCIAS:**

AGAMBEN, Giorgio. *Nudez*. Trad. Davi Pessoa. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

DIVERSOS. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Maltese, 1962.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. Trad. José Abreu e Christiano Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GIRARD, René. *Eu via Satanás cair como um relâmpago*. Trad. Martha Gambini. São Paulo: Paz & Terra, 2012.